

5º Festmacpu

FESTIVAL MARANHENSE DE CONTO,
CRÔNICA E POESIA DA UEMA

COLETÂNEA DE

Contos, Crônicas e Poesias



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



Proexae
Pró-Reitoria de Extensão e
Assuntos Estudantis



Eduema

Coordenação de
cultura e
desporto

coordenadoria
proexae



Editora da Universidade Estadual do Maranhão - Uema
Cidade Universitária Paulo VI, Av. Lourenço Vieira da Silva, N. 1000,
CEP: 65.055-310, Jardim São Cristóvão - São Luís/MA - Brasil
Homepage: <https://www.editorauema.uema.br/>

Reitor | Walter Canales Sant'Ana

Vice-Reitor | Paulo Henrique Aragão Catunda

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis | Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra

Pró-Reitora Ajunta de Extensão e Assuntos Estudantis | Camila Magalhães Silva

Coordenador de Cultura e Desporto da Proexae | Jadson Pinheiro Santos

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL | Alan Kardec Gomes Pachêco Filho, Ana Lucia Abreu Silva, Ana Lúcia Cunha Duarte, Cynthia Carvalho Martins, Eduardo Aurélio Barros Aguiar, Emanuel Cesar Pires de Assis, Denise Maia Pereira, Fabíola Hesketh de Oliveira, Helciane de Fátima Abreu Araújo, Helidacy Maria Muniz Corrêa, Jackson Ronie Sá da Silva, José Roberto Pereira de Sousa, José Sampaio de Mattos Jr, Luiz Carlos Araújo dos Santos, Marcos Aurélio Saquet, Maria Medianeira de Souza, Maria Claudene Barros, Rosa Elizabeth Acevedo Marin e Wilma Peres Costa.

Preparação e Revisão de Texto | Eliza Flora Muniz Araujo, Sandra Regina Costa dos Santos, Ana Karla Gomes Camelo, Laiza Oliveira Silva, Higor Rafael Santos Borges, Ana Caroline Costa da Silva de Araújo e Licileia França Montovani.

Projeto Gráfico e diagramação | Marcos Adriano Gatinho Lopes

4º Festival Maranhense de Conto e Poesia da Uema - FESTMACPU

Comissão Organizadora | Paulo Francisco Carvalho Bertholdo (Paulinho Dimaré) como Coordenador, Rafael Souza Nunes Gomes, Licileia França Montovani e Ana Karla Gomes Camelo.

Universidade Estadual do Maranhão. Coletânea de Contos, Crônicas e Poesias [recurso eletrônico]. / Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra, Sandra Regina Costa dos Santos, Paulo Francisco Carvalho Bertholdo, Licileia França Montovani, Eliza Flora Muniz Araujo, Ana Karla Gomes Camelo, Laiza Oliveira Silva, Higor Rafael Santos Borges, Ana Caroline Costa da Silva de Araújo. - São Luís - MA: EDUEMA, 2025.

44f.

ISBN: 978-85-8227-688-4

1. Literatura Maranhense. 2. Festival Literário. 3. Criação Literária. 4. Universidade Estadual do Maranhão. I. Serra, Ilka Márcia Ribeiro de Sousa [et.al]. II. Título

CDU: 821.134.3(812.1)



"Minha vida é aquele chão, pedaço da humanidade. E a semente, simples grão, é minha própria verdade."

Dagmar Desterro, "Lancei a minha semente".



Sumário

06 Prefácio
Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra

07 CONTOS

08 O Drama de Onofre
Antônio Lisboaeta

09 Miragem
Amadi Anisum

10 Cor dos Olhos
Lila Rosa

11 Janelas Fechadas
Marquesa de Tera

12 Olga, a Árvore Vaidosa
Lucas dos Santos

13 Um Sofá
La Dulce

14 Ecos da Praça da Saudade
W Art's

15 O olá (não) Está no Amanhã
Ana Sampaio

17 O Diário de Edward...
Joes Azafor

18 Septicemia
Mirian Fox

20 CRÔNICAS

21 A Bela em Fúria
Antônio Lisboaeta

22 Ela, no Silêncio do Cotidiano
Aurora Silente

23 Carnaval das Raízes, o Pulsar da História na Madre Deus
W. Art's



24 A força de Antônia

Daiana Escobar

25 Caixa

Manáira

26 A Pequena Artista

Marina Leão

27 Uma Noite Inesquecível ao Som de Rita Lee

Mulher de Lua

28 O Amor no Neoliberalismo

Roberta P.

29 Um Acidente!

Diego Rasalas

30 As Lentes da Simplicidade

Estrela Cadente

31 POESIAS

32 Um Cântico Diaspórico para Acalentar as Tempestades

Filho das Matas

33 A Vida Severina

Romeu Dias

34 O Sentido das Raposas

Rute Ferreira

35 Metamorfose do Amor

Aza

36 Capitãozinho

Ludovico

37 Inajá

Felipe Jesus da Conceição Pereira

39 Cantou Bem-Te-Vi

Soledad Martins

40 Sorte

Martin Margiela

41 Trilhando Libras

Pacheco

42 “Bilhetes”

Vicente Santorini



Prefácio

O Festival Maranhense de Contos, Crônicas e Poesias (FESTMACPU) nasceu como um espaço de encontro entre a universidade e a literatura, onde vozes diversas se reúnem para transformar palavras em memória e sentimento. Promovido pela Universidade Estadual do Maranhão, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis, o Festival tem buscado, ano após ano, incentivar a escrita e a leitura, semeando a criação literária no Maranhão e além dele.

Nesta quinta edição, o Festival passou a incluir também o gênero crônica, ampliando o mosaico literário que já contemplava contos e poesias. O tema do Festival foi livre, convidando os participantes a explorar sua criatividade sem fronteiras e a expressar suas ideias e vivências com liberdade.

Mais de 160 participantes, vindos de diferentes estados do Brasil e de outros países, deram ao Festival uma dimensão internacional, reafirmando que a literatura é ponte e travessia.

Mantendo sua tradição de homenagear nomes fundamentais da cultura maranhense, esta edição reverencia José Sarney, poeta, romancista e membro das Academias Maranhense e Brasileira de Letras, e Dagmar Desterro e Silva, escritora e patrona das cadeiras nº 24 da Academia Maranhense de Letras e nº 37 da Academia Maranhense de Trovas, cuja voz se tornou pedra viva na literatura do Estado.

Esta coletânea reúne as dez obras mais bem avaliadas e premiadas em cada gênero, textos que guardam a força da criação literária e a beleza de múltiplas vozes. Que o leitor, ao abrir estas páginas, possa sentir o mesmo encantamento que alimentou os dias do 5º Festival Maranhense de Contos, Crônicas e Poesias da UEMA – FESTMACPU.

Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis da Uema

Contos





O DRAMA DE ONOFRE

ANTÔNIO LISBOETA



Onofre mal sentia as pernas; o peso de cada passo era intensificado pela dor latejante das costas, onde a pele estava em carne viva. Borba Café, o feitor da fazenda, tinha se superado naquela manhã. Entre chibatadas e insultos, o bruto derramou mistura de sal e vinagre sobre as feridas de Onofre, humilhando-o após a surra por ter quebrado, sem querer, o urinol de porcelana francesa de Donana Jansen. Não havia pedido de desculpas ou perdão que lhe restituísse a dignidade — apenas o caminhar lento e trêmulo rumo à senzala.

Com o sol a pino, o suor escorria misturado à salmoura. Onofre cerrava os punhos, praguejava, com o gosto amargo da ira subindo-lhe à boca. Entre o calor e o peso do silêncio, mal notou quando Zé Cana surgiu no caminho. O homem vinha cambaleante do alambique, com o cheiro forte de cachaça impregnando o ar.

— Ô, Onofre, tu de novo na peia? — Zé Cana cuspiu, soltando uma risada zombeteira. — É o que tu merece, cabra ruim! Tu vive apanhando porque faz por merecer!

Onofre sentiu o sangue ferver. O rosto marcado de dores e humilhações, a raiva acumulada nas costas machucadas, tudo se juntou num turbilhão que subiu, incontrolável, até a ponta dos dedos. Num ímpeto que não conseguiu conter, sacou da lâmina que carregava escondida e, num golpe rápido, calou Zé Cana. O corpo do homem caiu na terra, inerte, a cachaça da garrafa quebrada misturava-se ao sangue no chão.

Ofegante, Onofre olhou em volta, o coração descompassado. Não havia tempo ou cenho para arrependimentos. A fazenda já não o segurava; tudo o que lhe restava era o instinto de fuga. Num último olhar para o corpo de Zé Cana, virou-se e partiu rumo ao mato, a silhueta se apagando entre as árvores, levando consigo a fúria de um homem que, cansado de carregar a dor, preferiu arriscar as migalhas que lhe restavam de liberdade.



MIRAGEM

AMADI ANISUN



Mariana aguarda na praia no local marcado para ele ir buscá-la. Era ainda a madrugada, ritmada pelo arrastar do relógio do mundo que se torna lento quando aguardamos a nossa felicidade. Ela acaricia a barriga, o filho do homem que ama. Seu passaporte seguro para um novo mundo. Um segredo. Uma esperança. Uma promessa.

“Eu vou mim bora.”

“Me leva contigo. Tô esperando teu filho.”

“Vô na frente. Depois volto pra te buscar.”

É o pino de meio dia. Ela come um pedaço de bolo que não mata a fome. Mas Cláudio está vindo buscá-la, então ela come tudo, sem guardar para mais tarde. Imagina o dia no qual terá uma geladeira com água, carne seca e fruta para poder comer e beber à vontade, sem regras. O fim da vida de migalhas, da eterna falta de tudo. Em casa a lei era poupar. Poupar a água de beber e de cozinhar, a farinha, o óleo, o sal.

A tarde cai e o mundo escurece. Mariana abre o pano velho com os restos do bolo, mas as migalhas são arrastadas pelo vento em uma brincadeira cruel. Ao longe um carro se aproxima.

Ele veio buscá-la, afinal. Mariana se levanta rápido, o vestido de chita balançando frouxo no corpo magro e o cabelo desgrenhado conferindo-lhe um ar fantástico e irreal. O motorista passa rápido cobrindo-a de areia.

É de novo madrugada. Uma tempestade de areia se aproxima. Ela busca o caminho de casa. Encontra apenas escombros, cacarecos velhos espalhados, roupas tremulando ao vento, indecentes, desavergonhadas, presas em uma estaca que oscila à beira d'água. Que ironia! Foi-se o amor, foi-se o barraco. Mais frágil do que sua casa, é sua vida, sua existência.

Mariana, cava e escava à procura de um rosto querido enterrado sob a areia para dar o adeus que havia sonhado na calada da noite. O vidro de um candeeiro lhe penetra a carne, o sangue que escorre do dedo se mistura a outro mais denso que mancha seu vestido de um vermelho negro, carmim profundo. Sua vida se esvaindo em outra vida. Ela senta na areia e chora, depois levanta e começa a andar, mas no meio do caminho desatina e não se lembra para onde vai e onde está. Volta sobre seus passos.

Ao longe, um navio da marinha brasileira desliza suavemente sobre as ondas. Um marinheiro vê pelo binóculo, rodopiando na praia, uma mulher feita de água, vento e areia. Deve ser miragem. Miragem.



COR DOS OLHOS

LILA ROSA



Meu filho morto. Séculos se passaram em sete dias. Fios brancos, rugas, unhas, pele envelhecendo sem controle. O pai da criança me abandonou há três meses, quando descobrimos que o menino nasceria torto. Homens não sabem lidar com quebras de expectativas. Queria um bebê sem defeitos, pena não ter um balcão de devolução. Saía do trabalho e não vinha para casa; eu de repouso absoluto depois do diagnóstico. Começou a sumir a noite inteira; duas semanas depois, não voltou. Sem conversa cara a cara, só uma mensagem escrita. Não consigo lidar com essa barra, me desculpe, Joana. Vou ajudar com a grana, não se preocupe.

Vídeo com velocidade acelerada, músculos atrofiados, pelancas, ausência de cílios. Minha mãe veio de Valença para me acompanhar nas últimas semanas de gestação. Trouxe toalha bordada, sapatinho de tricô, roupinha branca para o batizado. A Dra. Luana me olhava fingindo não ter pena, mãe de primeira viagem, sem marido, feto devorador de todas as energias por dentro.

Eu amava aquele filho. Tão desejado desde o segundo ano de casamento. Muitas tentativas, injeções, hormônios, tratamentos. A culpa era de quem? Dos meus genes? Da genética do pai? Dos avós? Sete anos e cinco meses depois, dois pauzinhos no palito de fazer xixi, BhCG nas alturas. Sei o exato momento em que fui mais feliz na vida.

Data prevista para o parto: 18 de março de 2011. Minha bolsa estourou no dia 15, uma terça-feira — “dia de acontecer coisa ruim”, como alertava a vovó Danda. O líquido tingido de vermelho, não era para ser assim. Correria em casa, depois no hospital, cadeira de rodas, maca, camisola azul claro, dedo furado. “Vai ser uma cesárea, a mãe não dilatou”.

Ainda hoje ouço o zumbido daquele dia. Uma sirene rompe os tímpanos todas as noites. Um buraco escuro e vazio me engoliu e não tem escada, não tem corda para me alcançar. João me foi entregue numa manta amarela com flores azuis. A touquinha da mesma cor tampando o crânio afundado. Dedinhos arroxeados não agarravam meu dedo indicador. Nunca vi a cor dos seus olhos.



JANELAS FECHADAS

MARQUESA DE TERA



Eu morei sozinho num apartamento no térreo de um prédio antigo durante a minha juventude. O triste canto de um pássaro da varanda do vizinho me acordava todo dia. Era um som lindo, mas estranhamente melancólico, que nem as janelas fechadas abafavam bem.

Foi minha mãe quem me deu uma pequena planta de presente: “Toda casa deve ter vida além da nossa, filho.” Passei a deixar a janela da sala aberta para que os raios solares entrassem. Fotossíntese: é disso que as plantas precisam. Às vezes, a água da chuva e alguns mosquitos, pequenos vampiros em miniatura, entravam pela janela também e eu me cobria de repelente. Como por um milagre, dias depois, os mosquitos quase sumiram todos até que eu a percebesse no teto. Achei que seria este um bom nome para uma lagartixa: Nina.

Eu tinha, por fim, um bichinho de estimação com o qual eu não precisava me preocupar tanto. Havia paz e silêncio necessários para os meus estudos e descanso. Eu conversava com a planta e com a Nina, que não descia das alturas para nada. A planta crescia, a Nina dava sumiço nos mosquitos e tudo estava em harmonia com a energia transitando como queria a minha mãe.

Até que, um dia, vi um rato no apartamento. Certamente, o bicho havia entrado pela janela da sala também. No dia seguinte, tomei providências. Encontrei no mercado um “Pega Tudo” que o vendedor me convenceu a levar. Eu só tinha que abrir aquela folha de papelão dobrada ao meio, besuntada de um grude potente. Deixei no chão da sala, bem no lugar onde vi o roedor e segui com o dia.

Ao chegar do trabalho, fui espiar o tal do grude e, para a minha triste surpresa, em vez de um rato, era a Nina quem estava ali estirada, inteiramente presa àquele treco. Tentei libertá-la com o auxílio de uma paleta de plástico, mas era inútil. A pele da Nina era muito frágil, soltava junto à cola e ela se contorcia de dor. “O que eu fiz, meu Deus?!”, pensei. Liguei para um amigo, que me disse só ter duas opções: jogar tudo fora, mas, assim, a Nina sofreria por horas, talvez dias até morrer, ou acabar logo com aquilo. De repente, eu, que não matava nem formiga, vi-me entre lágrimas, colocando um guardanapo sobre o delicado corpo de minha pequena e tão querida amiga. Com um golpe certo de estilete, pus fim ao sofrimento dela. Sentei-me no chão em seguida suado, soluçando, vencido.

No dia seguinte, dei a planta de presente para alguém no trabalho e mandei dedetizar o apartamento. Antes de me mudar dali, continuei acordando com a melodia triste do desconhecido pássaro. Ele, uma presa inocente, conseguia ao menos cantar em seu calabouço, já meu sentimento de culpa pela morte da Nina e, conseqüentemente, pela ausência da planta, fez-me pagar em silêncio a minha penitência, sozinho em minha própria gaiola. Dali em diante, ao sair de casa, não deixei mais aberta nenhuma daquelas janelas.



OLGA, A ÁRVORE VAIDOSA

LUCAS DOS SANTOS

Em um reino longínquo dominado somente por árvores, existia uma plantinha que cresceu até se tornar uma grande e volumosa árvore, admirada por todos aqueles que a observavam. Era a maior dentre todas, a qual jamais poderia ser comparada com outra em toda aquela terra. Seu crescimento fora lépido e constante, e a própria dona árvore se esforçava diariamente para que se tornasse melhor que suas irmãs, porquanto dizia:

— Crescerei, crescerei e me tornarei maior sobre todos.

Do alto, ela cantava cantigas que tinham por finalidade menosprezar as demais árvores e inflamar o seu ego. Olga, a grande árvore, não sabia, mas apenas uma coisa era maior que sua estatura: a sua vaidade. Mesmo sendo óbvio que era a maior entre todas, ela cantava para as demais. Cantava canções que se baseavam em humilhá-las, visto que, para Olga, elas lhe eram inferiores e dignas de humilhação. Desde a madrugada até o pôr do sol, portanto, cantarolava sem cessar, sempre sorridente e feliz.

Certo dia, uma pequena árvore próxima ouviu sua canção e resolveu responder:

— Olga, sabemos que és a maior. Por que investir nessas canções dia e noite?

— Se sou maior que todas vocês, necessito lembrá-las sempre — respondeu.

— Quando estamos aqui embaixo, próximo ao chão, não tememos o impacto da queda, caso venhamos cair em algum momento. E quanto a você, amiga árvore?

Olga ouviu aquelas palavras, mas não compreendeu. Assim, seguiu com sua canção.

Durante a noite enegrecida silenciosa daquele dia, de repente, uma intensa chuva caiu sobre o reino, causando tufões e fortes ventos em alguns lugares. A grande árvore estava em seu lugar, mas inteiramente fraca e cansada. Quando a chuva, enfim, foi embora e ela pôde ver os primeiros raios de sol, sabia bem que poderia dormir, pois a tempestade havia partido. Nesse instante, ouviu-se um grande estrondo no reino. Todos puderam escutar e ver de onde vinha tal som, por exceção de Olga, que fora o motivo do barulho.

Sem perceber, seu tronco havia se partido, deixando-a caída no chão. Apesar disso, suas raízes permaneceram, e ela pôde crescer novamente, mas se tornando a menor dentre todas as árvores por perto. Olga acreditava que suas irmãs iriam zombar de sua queda; contudo, as demais árvores lhe deram suporte e até cantavam para ela todos os dias, a fim de lembrá-la que, mesmo sendo daquele tamanho, um dia fora a maior de todas as árvores. Dessa forma, Olga se arrependeu de suas más canções e começou a entoar apenas cantigas de alegria e paz com as demais árvores.

UM SOFÁ

LA DULCE



Sentado no sofá, ele me aguardava como quem espera um inimigo. Seu semblante fúnebre e suas palavras secas desenhavam o quadro cinza de um amor desfeito. Ali, tudo estava em ruínas: nossa casa, nossa vida, nossos planos e até nós mesmos.

O tempo sedimentou, cada vez mais, a discordância das opiniões e a provocação escondida nos argumentos contrários. E nós, que já fomos tão semelhantes em tudo, não possuíamos mais a afinidade de outrora. Tal qual um cachorro que busca alcançar o próprio rabo, voltávamos ao círculo vicioso de expor a culpa um do outro em altos decibéis.

A minha dependência queria mais dele e me fez apelar para a psicologia reversa. Talvez, se eu demonstrasse, naquela última conversa, um desprezo tão falso quanto um “ouro de tolo”, ressuscitaríamos o amor em coma e ele compreenderia que permanecer era um desgaste menor do que qualquer partida, ainda que o preço dessa empreitada fosse mutilar minha dignidade. E, naquele tinoso devaneio, propus nossa separação, tão somente com a esperança de despertar nele a vontade de ficar.

Entretanto, para minha surpresa, seu rosto permaneceu impávido. Como quem aplaude de pé a ideia dada por outrem, ele levantou, deu um riso de canto de boca, e concordou em tudo com o afastamento proposto. E eu, sentada naquele sofá, senti a lágrima quente escorrer pelo rosto, selando a despedida que eu mesma propus. Foi tudo rápido, sem adeus, sem prêmio de consolação.

Para mim, era o começo de um martírio; para ele, parecia a libertação. Sua mala e suas desculpas já estavam prontas. Enquanto eu chorava, ele fechou a porta atrás de si, saindo sem amarras, sem peso de consciência e sem mais satisfações a me oferecer.

Nunca mais pus os olhos nele. E hoje, tempos depois, já não guardo comigo qualquer arrependimento, mágoa ou pesar. Amadureci vinte anos no decurso de apenas cinco. Aprendi que a solidão é tão boa professora quanto o tempo e tudo o que ela mais forja é nossa coragem.

Destruí fotos, rasguei cartas e, afastando de mim aquilo que remetia à dor que tanto tentei evitar, apaguei da mente os traços do seu rosto, o tom da sua voz. Resignifiquei a vida, segui em frente, conheci mais de mim e dos outros do que poderia prever. E hoje, com o coração e a trajetória refeitos, encontro-me naquela mesma sala onde um grande amor me virou as costas para sempre, percebendo, boquiaberta, que o único “souvenir” que me restou de uma história foi... o tal sofá.



ECOS DA PRAÇA DA SAUDADE

W ART'S

Em frente ao cemitério do Gavião, a Praça da Saudade se erguia como um santuário de histórias entrelaçadas com as sombras das árvores centenárias. Sob o olhar atento das estátuas, as memórias floresciam como delicadas flores noturnas, revelando um mundo onde o passado e o presente dançavam em harmonia. João, o antigo guardião do cemitério, caminhava por aquele espaço carregado de significados com seu fiel companheiro Aparecido, um vira-lata que parecia ter a capacidade de sentir a essência dos visitantes que ali deixavam suas marcas.

Lucélia, uma vendedora de flores que coloria a praça com aromas e cores vibrantes, conhecia os anseios de cada frequentador. Com habilidade quase poética, ela oferecia sempre a flor certa para cada saudade sentida. Em uma tarde outonal, Hagnez, uma jovem escritora sedenta por inspiração, encontrou refúgio em um banco de pedra. Com seu caderno surrado e caneta tinteiro em mãos, esperava que as histórias da praça se desvelassem diante dela como segredos guardados pelo vento.

Uma forte ventania trouxe consigo uma carta amarelada que pousou aos pés de Hagnez; era uma missiva escrita por um amor perdido durante tempos sombrios. As palavras ressoaram dentro dela como ecos distantes e intensos. Motivada pela profundidade daquela descoberta emocional, decidiu registrar as vidas entrelaçadas na Praça da Saudade. Enquanto escrevia fervorosamente, João aproximou-se e começou a compartilhar contos antigos sobre amores perdidos e reencontrados.

Lucélia observou os dois imersos em suas reflexões e ofereceu-lhes uma rosa branca — símbolo tanto da paz quanto da lembrança eterna. À medida que Ágatha tocava seu violino ao longe com notas suaves que pareciam contar histórias não ditas daquele instante mágico, a praça antes silenciosa reverberava com as vozes unidas de João e Hagnez. Aparecido descansava aos pés do guardião como se também estivesse absorvendo aquela atmosfera carregada de significado.

Nessa tarde mágica na Praça da Saudade não foram apenas recordações que se manifestaram; ali se formou um palco onde vidas convergiam em conexões atemporais. Assim como as sombras alongadas ao entardecer anunciavam o fim do dia sem apagar sua beleza intrínseca, as histórias vividas naquele espaço tornaram-se eternas — gravadas nas páginas do caderno de Hagnez e nos corações daqueles que partilharam aquele momento sublime.



O OLÁ (NÃO) ESTÁ NO AMANHÃ

ANA SAMPAIO



Todos os dias, ela o vê. Com roupas casuais de um jovem trabalhador: calça jeans, tênis all star, camisa de botão com as mangas dobradas na altura do antebraço, mochila nos ombros, um fone de ouvido cobrindo suas orelhas e expressão séria que muda com um sorriso de boa noite ao motorista. Um sorriso tão lindo quanto os olhos negros e os cabelos crespos em tranças nagôs. Ela lembra como ficou impressionada quando, de seu assento, o viu pela primeira vez. Ele, a princípio, não a notou, mas bastou que seus olhares se encontrassem há algumas semanas atrás para que, desde então, todos os dias, eles ansiassem pela troca de olhares e risos tímidos no trajeto para casa, mesmo sem dizer uma palavra ao outro.

Naquele dia, ele estava disposto a dizer um oi. Passou a catraca e foi chegando mais perto de onde ela estava sentada, de onde o olhava com olhos escuros e meigos, cabelos cacheados que dançavam com o vento vindo da janela e um sorriso que abrihantava a pele de seu rosto negro. Conforme aumentava o número de passageiros dentro do ônibus, aumentava também a vontade dela em dizer “quer que eu segure sua mochila?”. O tempo parou. Ele sorri e aceita, pois ainda há muito a percorrer até seu ponto de descida.

Ela ajeita as bolsas sobre o colo. Mantém a vista baixa. Não sabe o que dizer embora queira muito falar. Ele olha para a frente, tenta fixar o olho na paisagem borrada que passa pela janela ao lado dela, decidindo qual assunto casual puxará para continuar ouvindo aquela voz.

Faltam cinco paradas para que ele desça. Nesse momento, ela puxa de sua bolsa uma caderneta e tenta habilmente sincronizar o rabisco com balanço do ônibus pelas ruas da cidade.

Agora, faltam quatro paradas. O que ela escreve ali? São Números?

Três paradas. Ela desprende o papel da caderneta, o dobra e o segura nervosamente na mão. Duas paradas. Uma.



Ele pede a parada do ônibus, faz o gesto de pedir a mochila e agradece. Ela, sorrindo, a entrega e estende mão para que ele pegue o papel. As portas abrem. Pernas exultantes descem os degraus. Mãos nervosas abrem o papel com a mensagem Me mande um olá seguido de um número de telefone. Ao lado, a assinatura Ana Maria e uma carinha sorridente desenhada.

A alegria foi tanta que o desligou do mundo, os sons da cidade sumiram e as cenas ficaram desfocadas. Sim! Ele mandaria um olá para ela.

De tão desligado, não viu os faróis em alta velocidade que furiosamente vinham em sua direção. Quando o corpo jovem encontra o chão, cai de suas mãos o papel com o número dela.

E ali, deslizando para as águas que escorrem na sarjeta, a promessa de um olá que, definitivamente, não estará no amanhã.





“MÃE-VÓ” – O DIÁRIO DE EDWARD...

JOES AZAFOR



Nas vigílias silenciosas, ele via a avó em lembranças fugidias, um sorriso travesso, um resmungo, ou o olhar impaciente e carinhoso de quem sabia bem o que era carregar o mundo nas costas. O cheiro dela ainda permanecia, mas havia algo perturbador que o assombrava nas madrugadas. Ele percebeu, assustado, que fazia dias – talvez até meses – que não pensava nela. Como podia ser? Havia esquecido a própria avó? Uma culpa pesada o invadia, uma dor que o fazia se sentir o pior dos netos.

A voz da avó, outrora tão clara, tão nítida em sua mente, ia desaparecendo como tinta na chuva, espalhada pelo tempo e dissolvida nas lembranças. Ele tinha medo, quase como se estivesse sendo arrancado dela, levado para longe sem querer. Mas algumas lembranças permaneciam. Lembrava-se de como, nas noites de insônia, quando sua rede feita de algodão se tornava um deserto frio, ele corria para a cama da avó. Ela fingia se irritar, fazendo cara de marra. “Não gosto de ninguém dormindo debaixo das minhas costelas”, resmungava. Ele fazia exatamente o que ela reclamava, encostava suas costas nas dela. E ali, como se o mundo inteiro estivesse em paz, dormia feito um anjo. A cama dela era de madeira robusta, quase vermelha como se fosse de pau-brasil, com uma colcha azul, com detalhes em vermelho, e bordados simples. E nos almoços de domingo, quando ela preparava seu prato favorito, cuxá com caldo de frango. Eram momentos únicos ao lado de sua “mãe-vó”, como ele carinhosamente a chamava.

Em uma manhã de Setembro, quando o calor já abraçava a cidade antes do meio-dia, ele acordou com um vazio ao seu lado. Procurou-a e a encontrou sentada no sofá, a expressão cansada, os olhos perdidos. Havia algo diferente no rosto da avó, um peso que ele não conhecia. Assustado, correu chamar a mãe, que, ao vê-la, decidiu que deveriam ir ao hospital. Ele se lembra de forma dolorosa, as luzes brancas da UTI, intensas, devorando qualquer traço de esperança, sugando o calor da vida ao seu redor. O tempo parecia parar ali, onde só restava o pulsar do medo. Ela ficou internada por dias, enquanto ele, dividido entre a ansiedade e a necessidade de se mostrar forte, temia a cada hora pela perda iminente. Então, ela voltou para casa, um pouco melhor, mas nunca a mesma. E assim foram anos de cuidados, de recaídas, de lutas silenciosas entre a esperança e o medo. Cada dia parecia uma batalha e numa noite





SEPTICEMIA

MIRIAN FOX



Todos ainda estavam paralisados pelo modo violento e autoritário com o qual a sala de cirurgia foi maculada.

— Tão esperando o quê? — Voltou a gritar o policial de balaclava com outro em seus braços jorrando sangue em abundância.

— O senhor não pode permanecer aqui — disse a enfermeira, horrorizada ao ver mais dois policiais entrando sem cerimônia. — Estamos em um procedimento cirúrgico.

— Por culpa desse marginal! — Gritou um dos recém chegados se referindo ao homem na mesa operatória. — Ele começou a atirar.

— Minha conduta não é julgar, é salvar vidas — disse finalmente o médico.

— A nossa também, doutor — posicionou-se enfático o primeiro policial. — Qual vai ser? Não foram apenas as mãos dos fardados passeando em seus coldres que motivou o encontro bruto do marginal com o chão para outro considerado mais digno ser posto em seu lugar. Enquanto empurrava o paciente da mesa, o cirurgião tentava se convencer de que de algum modo estava fazendo um favor para alguém.

— Luvas estéreis — ordenou o médico enquanto tirava o par sujo, recebendo olhares escandalizados da instrumentadora e da enfermeira que por fim estendeu-lhe uma caixa de luvas de procedimento na ausência do material adequado.

— É o que temos — desculpou-se a enfermeira.

— Não fará diferença — manifestou-se finalmente a instrumentadora olhando primeiro para o novo paciente e em seguida para todo o resto. As condições ali nunca foram as ideais.



— Esse desgraçado depois de baleado correu para o córrego debaixo das palafitas
— revoltou-se o primeiro policial arrastando a marginal pelo braço para um canto da sala esbarrando na mesa de instrumentos em seu caminho. — Deve ter tido ajuda para chegar até aqui. Não vale a pena apagar o mala de vez. Vai ficar no canto.

Eles montaram guarda na sala e só saíram de lá quando seu companheiro foi para o póscirúrgico. Mesmo com sinais vitais fracos, o marginal ainda permanecia vivo depois de horas em um canto desassistido. Com medo de possíveis consequências, fizeram vários procedimentos até estabilizá-lo. A presença de policiais na sala de cirurgia não passou despercebido, chamando a atenção da mídia independente.

Dias depois as facções ordenaram toque de recolher, os policiais de balaclava e sem identificação saíram à caça. Tiros, bala, tiro, bala, tiro! Pessoas tão aparentemente diferentes e tão iguais a quem olha de cima e os vê cair. A mesma causa mortis: necrose causada por infecção generalizada. O sistema apodreceu.



Crônicas



A BELA EM FÚRIA

ANTÔNIO LISBOETA



No centro histórico de São Luís, na Rua da Estrela, o sábado começou devagar, como convém a uma manhã em que o tempo parece se espreguiçar. Ali, debaixo de uma mangueira robusta, eu, um velho, sento-me sobre um bloco de mármore, onde sempre observo os turistas desfilar entre os casarões coloniais e os seus azulejos coloridos, cada um em um passo próprio, no ritmo do próprio encanto. Uns fotografam a arquitetura, outros mal percebem o passado estampado em cada fachada...

Foi então que avistei um jovem fotógrafo. De câmera em punho e olhos vorazes, ele parecia fascinado por cada detalhe das construções antigas. Se curvava, buscava ângulos, capturava perspectivas como quem quer roubar um pedaço da história.

De repente, surge uma figura que muda tudo. Uma elegante jovem de cabelos castanhos, uma moça gaúcha, certamente, que aparentava seus vinte e poucos anos, com um porte de quem sabe o que quer. O fotógrafo a vê, e, sem hesitar, seu instinto de capturar beleza o domina: discretamente, levanta a câmera e começa a tirar fotos dela.

Contudo, a moça percebe o gesto sorrateiro. E eis que o que parecia uma cena de encanto se transforma em tempestade. Num instante, a jovem se volta em direção ao fotógrafo com o olhar firme, marcha até ele, e num tom que mistura raiva e indignação, lhe cobra explicações sobre o uso de sua imagem. Ele, embaraçado, tenta se explicar, talvez tentar suavizar o embaraço que crescia ao redor. Mas a moça lhe toma a câmera das mãos e, sem hesitar, lança-a ao chão, onde se espatifa em pedaços.

Ao ver aquele impulso intempestivo, sinto um arrepio. É quando a briga se instala; ele tenta, entre o susto e a dor de ver sua câmera em pedaços, protestar, mas ela, irredutível, não se deixa acalmar. Os guardas aparecem, apartam os dois, e os turistas, como mariposas atraídas pela luz, se juntam ao redor, alguns com celulares em punho, já registrando a cena.

E ali, quieto no meu bloco de mármore, observo. Quem diria que o fascínio pela beleza – que nos torna tão humanos e frágeis – é também o que nos põe em perigo, embriagando o olhar e cegando a razão? O jovem se deixou levar pela ânsia de capturar uns átomos da passagem da mais bela, sem perguntar, sem pensar, e a bela moça, movida pelo impulso de proteger a própria imagem, agiu sem medir as consequências. Talvez, no fim, todos nós, entre a poesia e a fúria, sejamos meros atores de um teatro sem ensaio, onde, ao contrário dos casarões antigos, nada do que é feito pode ser desfeito.



ELA, NO SILÊNCIO DO COTIDIANO

AURORA SILENTE

Era só mais uma manhã. Dasquelas em que o despertador toca, o sol ainda nem apareceu direito e o dia já parece longo. Um café rápido, o pão na mesa e os filhos ainda enrolados no sono pesado. Mais um dia comum... mas havia algo nela, naquele dia, que a diferenciava. Um silêncio diferente, uma pausa que eu não sabia explicar.

A gente olha para essas mulheres que vivem ao nosso redor e, de certa forma, acredita que elas têm superpoderes. A mãe que está sempre pronta, a esposa que parece nunca cansar, a profissional que equilibra mil coisas ao mesmo tempo. Mas quem, além dela, sabe o que se passa por dentro? Quem percebe a batalha travada todo santo dia entre o que precisa ser para o mundo e quem ela é de verdade? Talvez fosse isso o que estava no ar naquela manhã. Ela, entre um gole de café e a lista de tarefas do dia, parecia se dar conta de algo que andava escondido lá no fundo. Uma pequena faísca de cansaço, ou quem sabe de vontade. Não de desistir, mas de parar. De respirar. De olhar para o próprio reflexo sem pressa, sem cobranças. Sem o peso de ser o "pilar" que sustenta tudo.

Ela não precisa dizer, mas a gente sente. No jeito como ajeita o cabelo atrás da orelha, no suspiro que escapa sem perceber, naquele olhar perdido, mesmo que só por um instante, para a paisagem que vê da janela da cozinha. Talvez o vento lá fora tenha trazido uma memória, de quando ela era só ela. Antes das exigências, dos papéis. Quando o sonho ainda era só dela. Mas o que me fascina é que, mesmo com essa pausa, ela se recompõe. Como se tivesse decidido, mais uma vez, que o dia vai seguir. Que as crianças precisam de lanche, o trabalho a espera, e o mundo lá fora ainda gira. Não porque ela se esqueceu de si mesma, mas porque há uma força nela que o mundo não vê. Ela, no silêncio do cotidiano, é resistência. Não a que grita e luta, mas a que respira fundo e vai em frente. Ela, que transforma o comum em extraordinário. Ela, que segue, porque sempre seguiu. E no meio de tantas obrigações, ela ainda encontra um jeito de ser ela mesma, mesmo que por breves momentos.

E assim, o dia continua. Para ela, para todos. Mas fico com aquela cena na cabeça, me perguntando quantas outras mulheres vivem esse mesmo momento, todos os dias. Quantas "elas" existem por aí, sustentando o mundo em silêncio, enquanto ninguém percebe. Elas, no silêncio do cotidiano, não precisam de aplausos para serem extraordinárias. Sua força está em seguir, mesmo quando ninguém percebe, em resistir com o coração cansado, mas cheio de amor, e em encontrar, nos pequenos momentos, a essência de quem sempre foram. No final, elas não são a mãe, a esposa, a amiga, a profissional – elas são todas essas e, ainda assim, muito mais. Elas são a história viva de uma resistência silenciosa, que se renova a cada manhã, transformando o comum em extraordinário com uma simples decisão: seguir em frente.

CARNAVAL DAS RAÍZES, O PULSAR DA HISTÓRIA NA MADRE DEUS

W. ART'S

Nas veias de São Luís, o Carnaval da Madre Deus flui como um coração antigo, pulsando com a vitalidade de uma tradição que se recusa a ser esquecida. Cada rua transforma-se em um labirinto de memórias, onde as pedras, testemunhas silenciosas do tempo, guardam os ecos de risos passados e promessas futuras. Os brincantes dançam como folhas ao vento, levando consigo a poeira da história e se entregando ao ritmo dos tambores que ressoam como as batidas do próprio tempo. Este espetáculo vibrante não é apenas uma celebração; é uma manifestação visceral da identidade cultural ludovicense. À medida que o bairro se transforma em um oceano de cores vibrantes, cada bloco torna-se uma onda e cada fantasia uma espuma efêmera. Nas esquinas, sorrisos desabrocham como flores ao sol, emanando uma energia que transcende o presente. Cada gesto e passo de dança entrelaça a trama da identidade maranhense, unindo gerações em um abraço eterno que desafia a passagem do tempo.

Paladio, jovem brincante e herdeiro de tradições familiares, veste o legado como uma segunda pele. Com seu tambor herdado do avô – um mestre que moldou épocas –, ele lidera seu bloco pela primeira vez. Na intensidade das batidas ressoantes de seu instrumento, Paladio convoca os espíritos adormecidos da ancestralidade para dançar novamente nas ruas cobertas pela memória. As noites na Madre Deus são constelações vivas; cada estrela representa um brincante singular no espetáculo coletivo que ilumina a alma da cidade. Essa tapeçaria vibrante entrelaça fios do passado e presente em um mosaico pulsante de histórias e emoções. Nos becos ecoam cantos suaves como sussurros ancestrais, lembrando-nos da importância vital de preservar nossas raízes.

Ao final da festa, quando o silêncio retorna às ruas como um manto acolhedor, surge a sensação palpável de algo profundo compartilhado entre todos os participantes. Exausto mas iluminado por essa experiência coletiva transformadora, Paladio sente-se mais conectado às suas raízes do que nunca. O Carnaval da Madre Deus se revela não apenas como uma celebração festiva; é uma viagem temporal que mergulha nas profundezas culturais e nos lembra que compreender o presente exige abraçar com fervor as lições do passado. Assim, na quietude serena do amanhecer pós-festa, a cidade respira profundamente – pronta para reviver sua essência no próximo carnaval.



A FORÇA DE ANTÔNIA

DAIANA ESCOBAR

Antônia chegou em de Belém do Pará com uma mala pequena e um coração cheio de esperança. Vinha do interior, na sua terra eram poucos os recursos, mas fartava-se de afeto e sonhos, e por isso decidiu mudar de vida, ela morava com sua mãe e seus 4 irmãos mais novos.

Arrumou um emprego em uma casa de família classe média alta. Ali, o mundo parecia tão diferente: tapetes macios, televisores enormes e comidas que ela só conhecia pela televisão. Cuidava das crianças, cozinhava, limpava, fazia companhia para a patroa, mas não era raro que ouvisse um comentário atravessado, uma bronca por qualquer coisa ou até mesmo um tom de superioridade vindos de quem a empregara. Antônia abaixava a cabeça, pensava na mãe e nos irmãos e engolia o choro. Era temporário, repetia para si mesma.

A ideia de estudar nunca havia saído de sua cabeça. Sempre foi uma boa aluna, a vontade de vencer a impulsionava, mesmo quando a rotina cansativa parecia intransponível. Certa vez, numa tarde em que arrumava os livros dos filhos da patroa, pegou-se folheando um deles, o desejo de aprender cada vez mais, de conquistar aquele conhecimento, era quase incontável. Mas, logo foi interrompida pela patroa, que entrou no quarto e a olhou com um misto de desaprovação e ironia e disse: "Acha que vai entender isso? Não perca seu tempo, melhor focar no trabalho", disse a mulher.

Certo dia, se inscreveu no supletivo noturno. Passava o dia trabalhando e, ao final, ia direto para a escola com um único propósito. Ali, não era a empregada, não era "a moça do interior", ali era só Antônia.

Foi com esforço e muitas noites em claro que conseguiu finalmente terminar o ensino médio. E, no último dia de aula, com a mão trêmula, inscreveu-se para o vestibular de pedagogia. Sabia que ensinar era sua vocação. Queria que outras crianças, que talvez nem soubessem que poderiam sonhar, vissem nela uma inspiração, uma possibilidade.

O resultado do vestibular saiu numa manhã de janeiro. Quando viu seu nome na lista, uma emoção intensa a tomou, e ela chorou ali mesmo, no quartinho apertado onde morava aos fundos da casa da patroa. Estava na faculdade! Era a realização de algo que parecia impossível. Ela ainda tem uma grande jornada pela frente e quer ir até o final.

No primeiro dia de aula da faculdade, Antônia estava ali, de cabeça erguida e coração radiante, pronta para mostrar ao mundo que o seu lugar, sim, era onde ela decidiu estar.



CAIXA MANAÍRA



Passo o dia todo travestido de mobília. Me visto de coisa e coisifico a mim para poder ter alguma sobrevida. O dia inteiro sentado no caixa, numa caixa. Dou o preço daquilo que não me pertence. Empacoto o que não me serve. Sei códigos, manhas. Me transfiguro em amorfa substância ante a razão inexorável dos clientes. Me resigno a chamar o gerente. Que vocês se resolvam entre centavos de migalhas e argumentos babélicos.

No resto que me sobra de tempo volto para casa. O trajeto esfacela o que me sobra de energia. Agora é a minha vez de ser empacotado, embalado. Posto isso, sinto algo que pesa em mim. Para além do cansaço há algo que pesa, algo que queima. Algo que me esfarela. Passo por bares, puteiros, pizzarias. Já não os invejo. Só quero o baque surdo da minha cama. Não quero sentir mais nada.

É sempre assim. Sozinho nesse quarto, nessa kitnet, nesse bairro, nessa cidade. Destruíram meu corpo. Destroem o meu coração. Minha vontade foi moída. Me deram de comer aos porcos. Só me resta esta noite sem lua, um klint e a espera da primeira luz que reseta os mesmos cenários.





A PEQUENA ARTISTA

MARINA LEÃO



Minha avó paterna cheirava a leite de rosas, cigarro e soft sabor menta. Visitas raras — entre sogra e nora as relações já haviam entornado fazia tempo. A velha alemã tinha uma parcela de culpa: lençóis com buracos de cigarro, netos engasgados com balas inapropriadas para a idade, café esquecido no fogão. Mamãe não sabia lidar com essa falta de controle trazida pela genitora do marido. Como encarar a potência que a senhora imigrante guardava dentro de si? Feridas nunca cicatrizadas moldaram o que Inge deixou de ser e passou a ser num país chamado Brasil.

Último nome e sobrenome na lista de passageiros do navio Augustus, embarcou no Rio de Janeiro em 1936 com os pais e a avó. Uma menina de dezesseis anos, deixou para trás a vida boa de menina de classe média em solo europeu e se rendeu à História da humanidade: pessoas perseguidas pelo credo, vizinhos que antes conviviam em paz transformados em inimigos e delatores. A família fugiu e se espalhou pelo continente americano. Inge caiu em terras brasileiras, praia carioca, casamento com nordestino sertanejo e cinco filhos.

Talvez por ser uma raridade, quando a minha avó chegava em nossa casa, o tempo corria mais vagaroso e a atmosfera tinha contornos de sonho. No colo dela um frescor de banho de banheira recém-tomado. Uma luz desbotada esmorecia sobre mim, mãos se movimentando numa preguiça de final-de-semana, pontas dos pés. Mamãe não permitia faltas na escola e eu ficava a manhã inteira querendo voltar para os braços da avó.

Os presentes recebidos não seguiam a cartilha costumeira das vovós. Quando voltava das esporádicas idas à Berlim, além de lápis de cor e chocolates, oferecia bottons contra o nazismo, pedras do antigo muro, posters de personalidades alemãs. Até hoje guardo um livro entregue no meu aniversário de oito anos, “Pequena História da Dança”. Na capa, um fauno seminu envolto por uma serpente esverdeada. A dedicatória: “Para a minha pequena Artista, com muitos beijos da sua Vovó Inge”. Só ela me pintava assim, uma futura Artista com letra maiúscula. Mesmo com poucos encontros, a presença da vovó se impregnou na alma; quero ser a Artista imaginada e, quem sabe, orgulhá-la com o meu legado.



UMA NOITE INESQUECÍVEL AO SOM DE RITA LEE

MULHER DE LUA



Era uma noite especial, a Praça Tiradentes estava iluminada pelas luzes dos bares próximos. O ar estava carregado de expectativa, pois ali, no Teatro João Caetano, aconteceria um show imperdível da lendária cantora e compositora Rita Lee. Eu estava ansiosa, afinal, era uma oportunidade única de ver de perto uma artista que embalou tantos momentos da minha adolescência e juventude.

Ao adentrar o teatro, senti a energia contagiante que tomava conta do local. Meu irmão quem me levou, encontramos nossos lugares na plateia, próximo ao palco. A expectativa crescia a cada minuto que se passava. O público estava ansioso para ver a diva do rock nacional subir ao palco e encantar a todos com sua voz única e suas canções marcantes. Finalmente, as luzes se apagaram, e o palco se iluminou. A banda começou a tocar os primeiros acordes, e o público foi ao delírio. A emoção tomou conta de mim quando Rita Lee surgiu no palco, irradiando carisma e energia. Seu estilo irreverente e sua voz poderosa preenchiam o teatro, criando uma atmosfera mágica.

Durante o show, Rita Lee brindou a plateia com seus maiores sucessos. Cada música era uma viagem ao passado, lembrando momentos marcantes da minha vida. Eu cantava em coro com ela e me deixava envolver pela nostalgia das letras. Em determinado momento, enquanto eu cantava com entusiasmo, o guitarrista Roberto Carvalho me notou na plateia. Com um sorriso simpático, ele estendeu uma paleta em minha direção. Fiquei surpresa e emocionada com o gesto, sentindo-me privilegiada por estar ali, sendo presenteada por um dos músicos da banda. Mas as surpresas não pararam por aí. No final do show, Rita Lee avistou-me na plateia, bem próxima ao palco, e resolveu me convidar para subir ao palco. Meu coração acelerou de emoção quando ela segurou minha mão e me trouxe para junto dela. No palco, fui envolvida pela energia contagiante da cantora. Juntas, cantamos uma de suas músicas mais icônicas, e em um momento de espontaneidade, Rita Lee me presenteou com um selinho. A plateia foi ao delírio, e eu senti-me como se estivesse flutuando nas nuvens. Aquela noite era realmente mágica e inesquecível.

Anos se passaram desde aquele show memorável. No Dia das Mães, recebi uma surpresa que tocou meu coração. Uma sacolinha chegou até mim, contendo deliciosas sobremesas, veio com um laço "Rosa Choque", escrito, "Um belo dia resolvi mudar e fazer tudo que eu queria fazer...". Era uma citação de uma música que até me define em parte, porque aos sessenta e nove anos mudei minha vida e lancei um livro físico de poesias.



O AMOR NO NEOLIBERALISMO

ROBERTA P.



As vezes acordo com a vontade de que algo aconteça. Uma notícia de aprovação, um convite por e-mail, um presente inesperado, um match no Tinder. No mercado dos afetos o estímulo ao risco me seduz e me faz comprar a mentira de que sempre terá algo novo, maior e melhor, assim, prontinho, caindo como um vestido de cetim na silhueta dos meus desejos. É exatamente isso que vende o capitalismo, não é mesmo? Por que pensamos isso no campo dos afetos?

Há amor fora do capitalismo? Alguém já me disse que amor é para os pobres, gostaria de mandar uma mensagem perguntando quem foi mesmo o autor desta frase, mas lembro que recebi um blocked pelo autor da informação, modo digital americano de terminar relações.

Mas se o amor é para os pobres - e veja que eu disse amor e não casamento - moldado por uma união que não está em jogo a conquista ou manutenção de propriedades, bens e capitais, seja ele da ordem que for (beijo, Bourdieu) por que estou a viver sem?

A socióloga diria que nossas relações de afeto estão atravessadas pela lógica do mercado: sexo acumulativo, flexibilidade emocional, informalização das pactuações, lógica da abundância, mecânica do descarte (o famoso block que eu e você conhecemos). São tantos os termos de mercado que parece que estamos vivendo uma espécie de empreendedorismo emocional, em que o enredo é esse de uma eterna busca do novo, maior e melhor.

É claro que essa busca gera angústias e frustrações da mesma ordem das promessas de sucesso neoliberal. Hoje é segunda-feira, não vai haver convites, presentes ou encontros. O meu trabalho é o mesmo, com as mesmas insuficiências de sempre. Nisso, pensando nessa vida pra levar, me contento com o Cotidiano: todo dia eu só penso em poder parar, meio-dia eu só penso em dizer não, depois penso na vida pra levar e me calo com a boca de feijão.





UM ACIDENTE!

DIEGO RASALAS



Entre terminar minha leitura e descer para comprar um porta sabonete líquido, decidi pela segunda opção. Assim, cumpro meu ritual: desço as escadas, abro a porta e saio em direção ao supermercado. Faço a compra e saio. Antes de atravessar a rua, percebo um movimento do outro lado. Um acidente!

Rapidamente a rua se enche de curiosos. Pessoas sussurrando, falando, reclamando, gritando... Outros pediam ajuda, alguns estampavam desespero em suas faces. O sangue descia rumo à sarjeta, assim como o lixo que outros já haviam jogado por ali. Alguns rapazes insensíveis tiravam fotos do senhor no chão. Provavelmente ele estaria em segundos depois rodando pelas redes sociais da vida. Naquele momento não aparece nem uma rede para levá-lo ao hospital.

Fiquei meio impressionado com tanta informação. Pessoas, fotos, sangue, rua, acidente, comprar porta sabonete líquido, voltar para casa. Voltei a mim mesmo e segui. Esse voltar veio acompanhado de uma inquietação: lembrei-me do “se”, do “se” condicional. Eu poderia não ter visto tudo aquilo “se decidisse ficar em casa e não sair para ir ao supermercado”. Por outro lado, “se o senhor que morreu ali tivesse feito uma parada em algum lugar antes dali, tivesse ficado em casa ou alguém o atrasasse ele não teria morrido”. Da mesma forma, “se o motorista do veículo tivesse também se atrasado de alguma forma, prestado mais atenção ao dirigir ou mesmo o pneu tivesse furado durante a viagem antes do acidente, não teria acontecido tudo aquilo”.

Esses acontecimentos banais nos fazem pensar em quão imprevisível é a vida. Quando nos vemos em situações embaraçosas, a primeira palavra que vem à cabeça é o “se”. “Se eu tivesse ou não feito de outra forma isso não teria acontecido...”

Como será que está a família dele? Porque a última coisa que se espera quando algum ente querido sai de casa é que ele volte morto. Enfim, fico pensando que até mesmo a família dele pense em algum “se” quando souber da notícia.





AS LENTES DA SIMPLICIDADE

ESTRELA CADENTE



Em um fim de tarde de julho, fui caminhar para aliviar o tédio. Enquanto andava, mergulhada em preocupações, vi um idoso sentado em um banco da praça, olhando fascinado e sorridente para o sol, que a cada instante ia sumindo mais e mais. Seus cabelos grisalhos brilhavam sob a luz dourada do pôr do sol. Sentei-me em um banco próximo de uma maneira que eu pudesse observá-lo. Olhei ao redor, a cena do senhor contrastava com a atitude das pessoas que passavam ou até mesmo estavam sentadas, elas não davam a mínima para o breve adeus do sol. Elas estavam ocupadas demais em seus celulares.

Curiosa, aproximei-me dele, cumprimentei-o e nos apresentamos. O seu nome é Hélio, um idoso de setenta e quatro anos, seu rosto era gentil, o tipo de pessoa que traz paz só de estar por perto. Comentei que o observava, perguntei-lhe qual o motivo da sua fascinação. Ele sorriu e respondeu:

— Menina, estou admirando uma das obras do maior pintor do mundo. Observe as cores que o sol assume ao se despedir, dando espaço para outro astro. Tudo foi feito de uma maneira magnífica. É um lindo espetáculo. Após refletir, disse:

— Sr. Hélio, percebo agora que raramente admiro essa beleza, que está presente em todos os finais de tarde.

— Isso é porque não damos atenção às coisas simples, focamos em coisas “grandes”, geralmente compráveis, e esquecemos da beleza e simplicidade de um sorriso, das flores, das árvores, do céu...

Conversei por um bom tempo com o Sr. Hélio, uma pessoa de imensa sabedoria. A partir daquele fim de tarde, algo mudou em mim. Passei a enxergar a vida através das “lentes” do Sr. Hélio e percebi que há belezas no mundo que muitas vezes nossos olhos ocultam ao focar em coisas fúteis.



Poesias





UM CÂNTICO DIASPÓRICO PARA ACALENTAR AS TEMPESTADES

FILHO DAS MATAS



Da minha pele
os séculos não apagaram a cor
que as garras do esquecimento
tentaram arrancar.

As pegadas ancestrais redesenharam,
nesta geografia de silêncios,
o ritmo dos pés
na dança nômade do tempo.

Sou filho das travessias
que deixaram as noites suspensas
nos terreiros da memória,
feito os tambores da Casa das Minas
rufando, na insônia das retinas,
o movimento das horas em transe.

Trago, na garganta,
este cântico longínquo que afaga
o Transatlântico afogado nos lábios,
enquanto o peito, cheio de inquietudes,
amansa as tempestades
antes que se transformem em naufrágios.

Escavo, na pele de ébano,
a diáspora que veste
o mapa da minha nudez
e transpira a febre dos dias
nas cores que vibram
no crepúsculo que brilha
no escuro dos meus olhos.





A VIDA SEVERINA

ROMEÜ DÍAS



Meu nome nem é Severino, mas é ardo meu destino, a vida é
tão louca que sinto o gosto de
sangue na boca.

Mas eu sou tão jovem

Jovem

Jovem

Jovem

Não me convenci disso

Mas é o que todos veem

É o que todos dizem

Na casa de mamãe não tem rei, mas tem tralha

E mais falhas

Homens de tralhas que em suas carroças levam o peso da palha
(esconda de mim o fósforo)

Palha seca que cobrem nossas cabeças e varrem nossas casas

E seguimos assim

De boca amarga

De destino incerto

Mas saiba que no meu deserto

Miragem é sinônimo de esperança.





O SENTIDO DAS RAPOSAS

RUTE FERREIRA



Costuro teu nome como quem borda um segredo: começo pelas formas mais simples e penso que nem assim.

Desenho nas águas o sinal para que não se perca o sentido.

Teus olhos atentos.

(teu olho quase âmbar que me lembrou, sem nenhuma conexão aparente, que raposas gostam de amoras)

Teus olhos que alisam os pelos do meu corpo inteiro e ainda assim.

Recomeço o trabalho de tecer e digo teu nome em silêncio — quem sabe assim eu o amarre ao meu peito

e o reflexo das tuas mãos nas águas

a delicada tessitura do teu ser.

Teus olhos argutos — e como se pudessem explorar o Duplo, também ingênuos deslizando por minha pele a pergunta e eu respondo sim.

Respondo que sim.

Respondo sim e o cheiro que agora me pertence invade os fios as linhas as agulhas e todos os tecidos que se movem sobre mim e atropelam a claridade do dia a luz da manhã

quando teus olhos estão fechados e suspiras num lugar que não acesso e num lento bater de cílios depositas — como se possível — toda a alacridade de existir

(e penso de novo nos sentidos das raposas).

Teus olhos se abrem e a costura cede: pergunto se são laços ou nós, essa linha de fogo, esse bordado que arde e esquenta quando sobre minha pele.

Sim. Teus olhos e sim





METAMORFOSE DO AMOR

AZA



O amor, ontem: apenas objeto dos meus versos

O amor, hoje: versos que já não escrevo

Sou agora o instrumento

Meu Eu: o poema

Não mais poeta

O amor, todos os dias: algo que me desconcerta

E se com essa frequência amanheço meio Frida:

Partida

Coração apertado

Cheio de Khalo,

É porque de certa forma entreguei-me ao desatino

E como sina insisto pintar flores no asfalto

Onde vi meu sentimento esmagado.





CAPITÃOZINHO

LUDOVICO



Coleta, menino, palitos na rua. Encontra escondidos, retira do chão.
Coloca guardados na bolsa só tua. Não deixe perdidos, nenhum é em vão.
Agrupar palitos na mesa amarela. A cola transforma, um barco será.
Remonta com pano simulando vela. O plano que nela se navegará.
Acordando cedo, tomou seu barquinho. Porém teve medo, estava sozinho.
Apontando o dedo, viu monstro marinho. Manteve segredo. Mudou seu caminho.
O pobre menino largou seu barquinho. Chorando sozinho, sentou pequenino.

— Sou só um tracinho, não capitãozinho!

“A vida é combate, pobre menino. Não debes temer a imaginação.
É dentro de ti que se muda destino. Enfrenta e lembra que és capitão.
Coleta e esquece que a dor continua. Tesouro escondido não fica no chão.
Coloca em atos na vida que é tua. Atenta o ouvido, amplia a visão.
Reúna ensinamentos da vida tão bela. Aplica, transforma e tu crescerás.
Remonta teu plano, renova tua tela. Tua mente reforma e tu vencerás.”

Acordando cedo, tomou seu destino. Não teve mais medo, estava sorrindo.
Apontando o dedo, no alvo seguindo. Contou seu segredo, seguiu seu caminho.
O rico menino lançou seu barquinho. O rio ficou lindo, singrou direitinho.

Ficou repetindo: — Sou capitãozinho!

“A vida é combate, ó bravo menino. Tu debes viver como inspiração.
Lá fora, na rua, há outro franzino. Avisa que ele é um capitão.”





INAJÁ

FELIPE JESUS DA CONCEIÇÃO PEREIRA



Filha do sol e da lua
As águas do rio
Refletem tua beleza nua
Teus cabelos negros
Como uma noite sem fim
Teus olhos castanhos
Com a ternura de um jasmim
Nunca antes havia sentido dor
Teu coração, puro, inocente
Imaculado, tão quão uma flor
Corajosa em seu ímpeto e benevolente
Com os bichos, com a mata
E principalmente tua gente

Num dia, contra sua vontade
Conheceu a maldade do homem
O bicho que mata, mas não come
Que machuca, fere, sangra os seus
Mas nada do que faz, sacia sua fome
Fome de poder, fome de destruição
Fome de ter o que não é seu
Fome de destruir aqueles que não o são
Inajá viu do que o homem era capaz
Matou sua família em sua frente
Como se fossem animais
Viu o vermelho do sangue pingar na terra
Enquanto a alma deixava o corpo
Viu o homem virar fera
Em sua frente como louco

Pela primeira vez, chorou
Pela última também
A água inundou seus olhos



E o sofrimento a fez de refém
Não tinha mais voz, nada podia fazer
Apenas sentir a dor que a fazia padecer

Tua beleza atraiu olhares
Que jamais quisera
Teve mãos em seu corpo
Que a tocaram e deixaram sequelas
Sentiu que nem seu corpo era mais seu
Tamanha a dor que sentia
Já sabia que naquele momento morreu

Foi deixada para trás
Em meio ao caos e ao sofrimento
Tudo havia acabado e ao mesmo tempo
Não parava de pensar naquilo
Um só momento
Olhou-se no espelho d'água
E não se reconhecia
Já não era mais Inajá
E nem seu corpo lhe pertencia

Num último lampejo
Daquele corpo já sem vida
Jogou-se na água
Para então lavar suas feridas
Apenas deixou-se afundar
E que a mãe água a envolvesse
Que levasse embora todo o seu sofrimento
E com seu corpo fizesse
O que fosse de seu interesse

Um dia, Inajá
Agora um corpo sem vida

Inajá

Felipe Jesus Pereira

Mas enquanto a água do rio correr
Jamais será esquecida





CANTOU BEM-TE-VI

SOLEDADE MARTINS



Bem-te-vi, bem cantou
De cá até ali, e muito entoou
Canções de todo tipo
Nas ruas, nas praças
Dizendo bem-te-vi

E o bem-te-vi, bem eu vi
Cantarolar assim
Um bem-bem-te vi
Nunca desafinado
Nesse canto e naquele ali
Em um canto tão lindo que
Desde criança, sempre persegui

E era Bem-te-vi
A ave que encanta e sempre canta
O mesmo verso sem fim
Em um gorjear, bem que entendi

E era bem-bem-bem-te-vi
Conversas sem fim
Pela cidade, um tinir
De bem-te-vi que não canta
Em outro lugar que não aqui

E cantou o bem-te-vi
Entoando canções que ouvi
No amanhã ainda por vir
Graças à Natureza, por poder ouvir!





SORTE

MARTIN MARGIELA



Quando Vênus me busca da varanda
me concentro no rastro dos foguetes
de Alcântara

estranho
algo se denuncia
algo de pressa e mar bravio

O mundo quebra em minhas costas

Pousado em névoa
espero em tudo a chuva fraca

há dias em que não se sabe
o que fazer com a bonança

Esses tropeços que
a ciência previu antes do homem
é por se seguir em frente

mesmo que a Quina não chegue
seu amor foda outro contra a parede
ou se imagine estourando o miolo
de um fura-fila

mesmo nesse milagre
nas plantas de supermercado.





TRILHANDO LIBRAS

PACHECO



Na trilha da acessibilidade e inclusão
As mãos são instrumentos da comunicação
Aproxima quem está longe, criando um novo mundo
Entre o ouvinte e o surdo.

São caminhos que se cruzam
São histórias que se contam, através das expressões
É um ritmo próprio e especial
É a língua brasileira de sinais.

Nessa trilha, as mãos sinalizam a direção
Quem aprende ganha possibilidades, de entender
E está presente nessa incrível jornada.

A Libras te convida a experimentar,
um novo modo de se comunicar
Faz a tua datilologia e coloca essas mãos para dançar.

As mãos formam letras e dão vida aos sinais
Interpretam o silêncio, expressando os sentimentos
Abrindo um portal de comunicação.

Fala, que eu te escuto, os meus olhos são os meus ouvidos
Nessa trilha em que eu caminho, não me encontro mais sozinho
Tenho a Libras ao meu lado, me guiando nesse mundo.





“BILHETES”

VICENTE SANTORINI



Há bilhetes escondidos em cada cômodo.

Se este poema lê, provável que os rasgos foram reunidos. Fragmentos de papel, laços de lã enovelados, guardiões de confidências.

Em enciclopédias, na caixa de remédios, encaixados na fresta do assoalho, escoltados por farpas ou adagas – seja lá o nome de teu agrado.

Há sangue nas aliteraões, não é cura encontrá-las, nem erva ou elixir. Apenas ideias, apenas relatos, é só o Existir. E confesso: como você, eu sigo sozinho. Serenos passos que

suam ao soar o declive. “Somente o teu ser, somente o teu ser!”, sussurram os sulcos do percurso, pois segues sozinho, sigo sozinho, em passos serenos, o inerente caminho.

Prestes a esquecer, me escrevo bilhetes, te escrevo bilhetes, pois tudo – de novo – sei que havemos de fazer. E quando, em seguida, paira o oblívio,

é dó sustentado, é dor “sustenida”, apodreço em vida; sem saída, o limbo. Hiberno para obscurecer esses medos. Morro mil vezes em meus sonhos a fim de escapar de mim mesmo. Quando acordo, vagueio pela residência, tento identificar o Atlântico da foz, o cetim das adagas. Mas só vejo bilhetes. Dispersos, rasgados. Um diz que ele eu sou.

“Você é quem sou!” E, logo, percebo: você é quem sou. E outro me diz: “Cuidado ao andar, o declive é algoz!” E vejo conselhos: “Cautela ao correr por vias assim, esquisitas ao sol,



ainda que megalópoles do crepúsculo. O fluxo de gente não é garantia, e nem a cortesia é quem diz ser. Não confie em ninguém, nem ceie com estranhos, os que negam a face.”

Por isso, afirmo: estás (ou estou) apartado do Digno, da redenção do Calvário;
isto, porém, não é sentença, meu caro. Lembre-se somente do que digo: tente não adentrar
becos sem saída ou acreditar nas mentiras dos que se dizem santos; nem caia pelos
próprios esforços para encobrir farpas individuais. Não explique-se por tudo, não explore as
razões de cada verso. É confuso, sei bem. E por último, não confidencie tais segredos a
alguém, nem ninguém: uma vez conhecedores da verdade, podem usá-la para tudo.

Para a morte, para a vida; em nome de Deus, em nome de si;
em bilhetes de seda, em bilhetes de vidro.
Se razões desconhecidas, tudo o que jaz é o teu desígnio.





COLETÂNEA DE

Contos, Crônicas e Poesias



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



Proexae
Pró-Reitoria de Extensão e
Assuntos Estudantis



Eduema

Coordenação de
cultura e
desporto

ecossistema
proexae

